

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

1

QUEM PODE SECURITIZAR? UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) NO INÍCIO DA PANDEMIA DE COVID-19

Luís Felipe Mendes Felício - UFABC¹

Renato Matheus Mendes Fakhoury - UMass Lowell²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar movimentos de securitização promovidos por órgãos supranacionais. Os autores argumentam que organizações internacionais vêm tomando medidas bem sucedidas de securitização, utilizando como exemplo a atuação da Organização Mundial da Saúde (OMS) no início da pandemia de SARS-CoV-2 (COVID-19). A atuação multifacetada da OMS, demonstrada em seu envolvimento com governos, cientistas e a iniciativa privada, permitiu que ela se posicionasse como uma figura de autoridade a nível global, e cativasse sua audiência principal - chefes de Estado. O artigo justifica sua relevância por adicionar à literatura em Teoria da Securitização, deslocando o eixo do debate acerca de movimentos securitizadores além do âmbito estadocêntrico. Será feita análise de discursos e documentos da OMS durante a fase inicial da pandemia, tomados enquanto atos de fala, a fim de traçar conexões entre as medidas excepcionais adotadas pelos Estados sob sua influência.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19; Organização Mundial da Saúde; Segurança Humana; Teoria da Securitização.

1. Introdução

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista. Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC, SP. E-mail: <felicio.luis@ufabc.edu.br>.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista. Doutorando em Estudos Globais pela Universidade de Massachusetts Lowell, EUA. E-mail: <renato_mendesfakhoury@uml.edu>.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

2

No ano de 2020, o mundo vem lidando com aquilo que provou ser a pior pandemia do último século com a emergência do novo coronavírus (COVID-19), uma doença respiratória que pode levar a graves consequências, incluindo a morte, vide Mizumoto e Chowell (2020). Seus níveis de infecciosidade e mortalidade não eram vistos desde a Gripe Espanhola na década de 1910. Até a primeira quinzena de dezembro, os registros apontavam mais de 71 milhões de infectados e 1,6 milhão de mortes (OMS, 2020). Seu epicentro moveu-se rapidamente (na dita primeira onda) do surto inicial em Wuhan, China, para a Europa e depois para as Américas, sendo o continente americano o mais afetado (destaque para Estados Unidos da América e Brasil), seguido do europeu.

Em todo o mundo, governos vêm se valendo de medidas extraordinárias para combater a pandemia. Dada a inexistência de tratamento cientificamente comprovado para a cura e os estágios iniciais da vacinação (em caráter emergencial a partir de dezembro), o isolamento social destacou-se como principal medida preventiva, sob recomendação da Organização Mundial da Saúde. Este órgão, apesar de amplamente internacionalizado e de seu caráter consultivo e propositivo, assumiu um papel de protagonismo no enfrentamento da crise, influenciando os Estados que a compõem na adoção de suas medidas preventivas e combativas.

Escolas, universidades, estádios, cinemas, teatros e outros pontos de aglomeração popular ficaram fechados por meses, sendo a maioria deles reaberta de forma recente e gradual onde os números estão estáveis. Alguns países, como China, Itália, Espanha e Argentina, promoveram *lockdowns*, com as pessoas sendo proibidas de saírem de casa sem razão essencial, vide a compra de comida e medicamentos, sob pena de multa e prisão. Ademais, tornou-se comum a obrigação do uso de máscaras faciais em locais públicos, como forma de prevenir uma infecção respiratória.

Uma situação em que um representante do Estado obtém poderes extraordinários para lidar com uma ameaça dita existencial, alegando a necessidade da urgência por questões de vida ou morte, é uma oportunidade para aplicar a “ferramenta para análise” de Buzan *et al.* (1998), a teoria da securitização. Estes autores, vinculados a uma agenda

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

3

de expansão dos estudos de segurança internacional, defendem que outros assuntos que não os militares podem ser analisados pela lógica da segurança, desde que se mantenha a situação de ameaça existencial como parâmetro, herança das escolas tradicionais em segurança.

Apesar de, em um primeiro momento, a agenda de Copenhague soar um passo além do estadocentrismo, as possibilidades de exploração de outros agentes que não os representantes do Estado enquanto atores securitizadores são pouco desenvolvidas, como argumentam Hansen (2011) e Williams (2011). De fato, observa-se que diversos Estados concluíram com sucesso processos de securitização, ao legitimar suas medidas excepcionais com as audiências relevantes. Uma série de análises se faz possível a partir disso, mas os estudos de securitização por vezes se focam em casos concretos de sucesso, deixando pouco a explorar para os conceitos: como a rasa definição de audiência apontada por Roe (2008) e Leonard; Kaunert (2011), a dessecuritização, como argumentam McDonald (2012) e as securitizações fracassadas, vide Salter (2011), Ruzicka (2019).

Observa-se no cenário atual que ao justificar a necessidade de medidas excepcionais contra o coronavírus, muitos Estados alinharam sua agenda e discurso às recomendações provindas da Organização Mundial da Saúde. Com isso, faz-se necessário analisar o papel da OMS durante o início pandemia, através da análise de suas diretrizes e os discursos de seus representantes, para investigar se a mesma, de fato, influenciou as políticas de securitização nos países, fato que permitiria hipotetizar esta organização internacional enquanto um ator securitizador, cujos pedidos por medidas emergenciais foram acatados por sua audiência: os próprios Estados que afirmaram em suas medidas contra a pandemia seguirem as recomendações da OMS.

2. A OMS e as primeiras reações ao surto do novo coronavírus

Antes de discutir se a atuação da OMS se enquadra em um caso de securitização, é preciso fazer uma linha do tempo de sua atuação nos primeiros meses da pandemia,

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

4

seja através dela ou de suas afiliações regionais. Para isso, como uma maneira de preservar a coerência da argumentação, o recorte abordará eventos principais com relevância analítica para a ferramenta da securitização, reflexões retomadas no item seguinte. Balzacq (2011) aborda a securitização enquanto um fenômeno cascata, isto é, um setor securitizado influi diretamente sobre a securitização de outros; trata-se, portanto, de um fenômeno complexo a ser analisado nos níveis micro e macro, o que impede que a securitização de múltiplos setores seja vencida num único artigo.

Em 9 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde pronunciou-se a respeito de um crescente grupo de casos de pneumonia na província chinesa de Wuhan. Neste documento, a origem dos casos foi traçada a um novo tipo de coronavírus; tal emergência de tipos mutantes do vírus era rotineira e, em maioria, inofensiva, conforme o documento. Além disso, a OMS (2020) ressaltou que "A China tem fortes capacidades em seu sistema de saúde público e recursos para responder e controlar surtos de doenças respiratórias", desaconselhando restrições de circulação internacional para o país.

Poucos dias depois, em 20 de janeiro, o Centro Americano para Prevenção e Controle de Doenças anunciou que os aeroportos de Los Angeles, São Francisco e Nova Iorque iniciariam a triar passageiros advindos da Tailândia e do Japão, voos dos quais se originam a maioria dos passageiros vindos aos EUA de Wuhan. No dia seguinte, os Estados Unidos confirmaram seu primeiro caso do novo coronavírus, enquanto na China, o pneumologista Zhong Nanshan, que se tornaria líder dos esforços de contenção chineses, confirmou a transmissão humana do vírus.

A partir desses eventos, a OMS convocou uma reunião de emergência para avaliar se o surto da doença na China deveria ser entendido como uma emergência de saúde pública. A diretora da Organização Pan-Americana da Saúde, Carissa Etienne, reuniu-se com embaixadores de países membros da Organização dos Estados Americanos em Washington, EUA, incitando-os a aprimorar suas estratégias de prevenção para infecções e medidas de controle sanitário nas entradas internacionais.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

5

Seu diretor assistente, Jarbas Barbosa, adotou tom alarmante, dizendo que “O fato da OMS não ter declarado uma emergência não significa que não estamos um sério desafio de saúde pública”.

Esta característica se mostrou presente nos meses iniciais da crise do novo coronavírus - o tom subiu primeiro nas divisões regionais da OMS, enfatizando a linguagem de urgência e perigo. Os diretores regionais para a Europa e Sudeste Asiático conclamaram aos países em pronunciamento para que tomassem medidas para realizar rapidamente a detecção de casos importados para prevenir a propagação da doença. “É hora de focar todos os esforços na prontidão guiada pelo que quer que se saiba a respeito do novo coronavírus”, disse o diretor para o Sudeste Asiático, Poonam Singh. O diretor para a Europa, Hans Henri Kluge, em documento intitulado “Preparando-se agora como um”, afirmou que “O tempo para nos prepararmos é agora. (...) Não sabemos até este ponto como o surto evoluirá. (...) Hoje, nos é oferecida uma janela de oportunidade; devemos agarrá-la hoje para fazermos a região e o mundo mais seguros”. Enquanto isso, Wuhan e Huanggang, na China, já estavam sob quarentena.

Em 31 de janeiro, a OMS declarou o novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, em declaração que também acompanhou uma série de recomendações à China, aos governos e à comunidade internacional. Ainda que sob o rótulo de aviso, havia vários alertas, vide “(...) países são lembrados que eles são legalmente requeridos a compartilharem informações com a OMS sob as Regulações Sanitárias Internacionais”. Em 4 de fevereiro, a OMS solicitou ao Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres, para ativar sua política de administração de crises, o que permitiu à ONU formar comitês específicos para discutir como lidar com o surto da doença pelos continentes. Como resultado, foi publicado um documento com recomendações e diretrizes a serem seguidas pelos países, tivessem eles casos ou não.

Este foi o marco de uma tendência que só se ampliou da OMS em abrir o diálogo com outras organizações internacionais, exercendo liderança na comunidade

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

6

internacional, como nos trabalhos conjuntos com a Cruz Vermelha Internacional e a UNICEF, a fim de estabelecer parâmetros seguros para o ambiente escolar. Seus anúncios e comunicados tornaram-se, então, mais recentes e alarmantes, com atualizações diárias à imprensa desde 5 de fevereiro. Essas atualizações diárias foram um marco histórico na instituição, já que pela primeira vez o seu diretor geral e o diretor executivo participaram em conjunto da atividade.

Para além das organizações, onde também passou a ser membro atuante na comunidade de segurança internacional enquanto porta-voz científico, a OMS abriu contato para orientar empresas no Vale do Silício, EUA, promovendo mesas redondas. Em 3 de março, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, solicitou que governos e o setor industrial ampliassem sua produção de material preventivo:

Sem cadeias de suprimento seguras, o risco para trabalhadores da saúde ao redor do mundo é real. Indústria e governos devem agir rapidamente para impulsionar os suprimentos, reduzir restrições à exportação e implementar medidas para parar com a especulação e o armazenamento. Nós não podemos parar a COVID-19 sem proteger os trabalhadores da saúde primeiro. (GHEBREYESUS, 2020).

Poucos dias depois, veio a classificação da crise do novo coronavírus enquanto uma pandemia, isto é, uma epidemia de escalas planetárias. O diretor-geral acrescentou, no dia 11 de março, que a OMS “havia chamado a atenção dos países todos os dias para tomarem medidas urgentes e ações agressivas” pois o sinal de alerta soava “alto e claro”.

Na figura 1, utilizou-se dados obtidos no Google para criar um gráfico mostrando a quantidade de buscas diárias pelos termos “pandemia”, “restrições”, “emergência”, “desemprego” e o tópico (o que inclui sinônimos e siglas, por exemplo) “Organização Mundial da Saúde”. O gráfico mostra que houve um notável crescimento do volume de buscas por estas palavras na sequência da declaração da OMS de que o surto de COVID-19 configurava uma pandemia.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

7

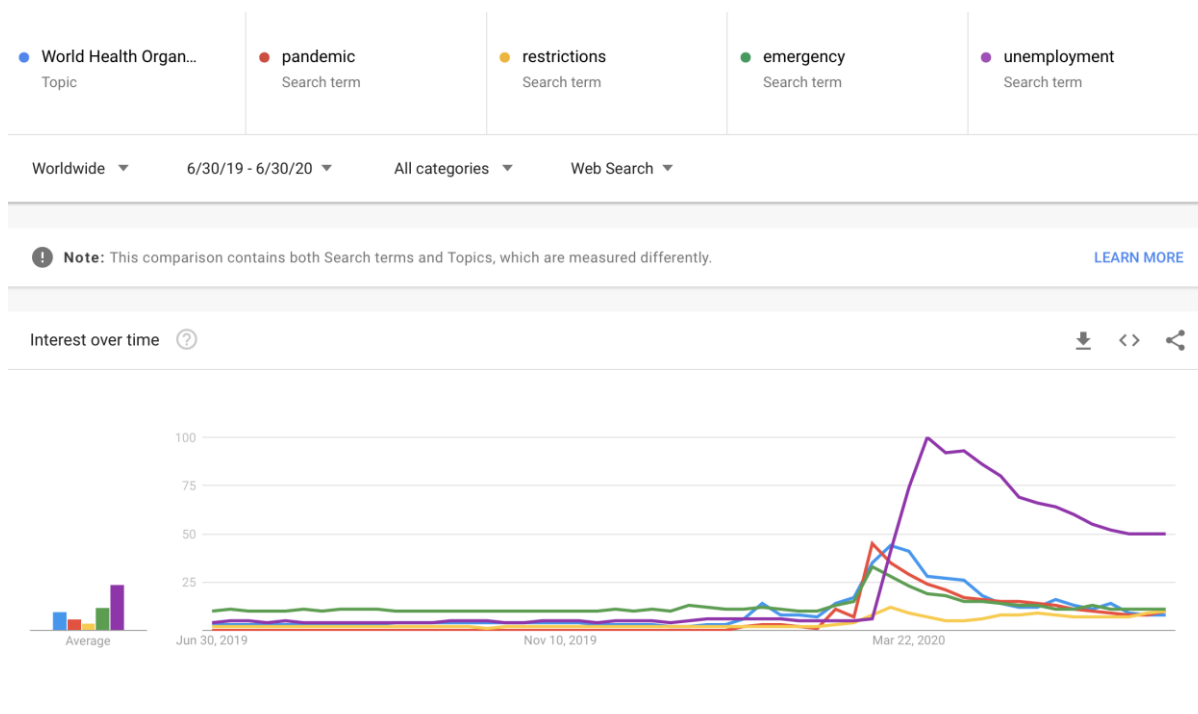


Figura 1: Gráficos de autoria nossa a respeito de palavras-chave sobre a pandemia

A partir da caracterização da pandemia, as ações da Organização Mundial da Saúde podem ser consideradas em três frentes: informacional, científico e institucional. Ao nível informacional, a organização focou-se na produção de conscientização sobre a doença, através de parcerias com mídias sociais como o Whatsapp e instituições como a FIFA (entidade máxima do futebol) para alcançar o maior número de pessoas possível, como argumentam Jakhar *et al.* (2020). Ao nível científico, foi publicado um documento assinado por 130 cientistas, financiadores e fabricantes de medicamentos, conclamando para que fosse acelerado o processo de desenvolvimento de uma vacina contra o novo coronavírus. Por fim, institucionalmente, a OMS se fez presente em uma série de eventos internacionais, como a reunião extraordinária do G-20 e a Assembleia Geral da ONU.

Essa presença constante tem sido fruto dos esforços para coordenar uma abordagem global unificada para controlar e conter a disseminação da COVID-19.

3. Organizações internacionais e securitização: a OMS pode securitizar?

A partir de tudo que foi dito, esse texto pretende apresentar a Organização Mundial da Saúde como um agente que instiga processos de securitização na pauta da COVID-19. Para isso, é preciso primeiro olhar para o que é a configuração básica de uma organização internacional, bem como um histórico de atuações prévias da OMS diante de emergências à saúde pública.

Nota-se que o número de organizações internacionais cresceu exponencialmente com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945; um crescimento acompanhado também pelo do número de organizações não-governamentais. Apesar de haver divergências na literatura quanto à caracterização de uma organização internacional, pode-se observar com base em Dale (1982) e Amerasinghe (2003) uma concordância em torno de pontos principais:

- Organização intergovernamental;
- Estabelecimento sob o direito internacional;
- Propósitos específicos;
- Há uma constituição estabelecida em tratado ou acordo formal;
- Há um número limitado de Estados ou governos;
- Goza de burocracia suficiente para estabelecer órgãos, uma administração ou secretariado.

Outro ponto fundamental para organizações internacionais é que suas determinações possuem caráter consultivo ou sugestivo, ou seja, por razões de uma soberania construída aos moldes do Estado westphaliano, as decisões não podem ser nacionalmente implementadas sem autorização voluntária dos Estados. Apesar disso, argumenta-se que, diante de uma ameaça global, a OMS logrou êxito em instigar a securitização da COVID-19 mesmo enquanto organização supranacional. Esse

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

9

entendimento não é pioneiro, uma vez que Hanriender e Kreuder-Sonnen (2014) já argumentaram que, em 2003 e 2009, a OMS securitizou com sucesso as respostas para crises como a SARS e a Gripe H1N1, respectivamente.

Essa linha de raciocínio é possível através da teoria da securitização da Escola de Copenhague - Buzan *et al.* (1998) - segundo a qual as ameaças administradas pela lógica da segurança podem estar além do setor militar e não respeitam fronteiras nacionais. O discurso *mainstream* da globalização também nos proporciona esse cenário onde cada vez mais as fronteiras são menores e mais transponíveis com o encurtamento de distâncias, ampla mobilidade global e expansão do mercado financeiro; em comparação, nota-se que a Gripe Espanhola, embora mais mortal até o momento, teve uma evolução geográfica lenta, levando anos para tornar-se pandêmica, ao passo que em três meses o novo coronavírus evoluiu de um surto local para uma pandemia em todos os continentes. Frente a isso, Boin e Rhinard (2008, p. 7) apontam que “crises transfronteiriças demandam respostas transfronteiriças”.

Ainda que não tenha o mesmo alcance que os Estados sob o direito internacional, a Organização Mundial da Saúde conseguiu securitizar surtos de doenças por meio das declarações de doenças como Emergências de Saúde Pública de Importância Internacional, bem como com a modificação semântica de pandemia para o espalhamento global de uma doença, conforme Hanriender e Kreuder-Sonnen (2014). Com este termo, a OMS pôde assessorar os países e governos em como se prepararem para enfrentar os surtos do novo coronavírus dentro de suas fronteiras. As recomendações mais consequentes foram as de que os países deveriam priorizar o suprimento seguro de equipamentos de proteção individual (máscaras, luvas, escudos faciais, álcool 70%, desinfetantes, etc). Ademais, nota-se sua influência sobre a promoção da pesquisa a respeito da doença, apelando a cientistas, governos e à indústria farmacêutica para que fosse acelerado o ritmo de investimentos em drogas para tratamento e no desenvolvimento de vacinas - cuja redução de prazos para testes e aplicações tiveram também as bênçãos da OMS.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

10

O caso apresentado permite o exercício da reflexão a partir da teoria da securitização, na qual um assunto é socialmente construído enquanto representando uma ameaça existencial através dos discursos - atos de fala. Com um ato de fala, um ator securitizador dirige-se a uma audiência relevante que lhe autoriza ou não a tomar medidas extraordinárias, segundo Buzan *et al.* (1998). Assim, uma securitização foi feita se este ator obteve aval para promover medidas de exceção. A maioria das análises toma automaticamente o ator securitizador enquanto um representante do Estado, o que levou a uma série de estudos focados exclusivamente em casos nacionais de securitização bem sucedidos. Faltam estudos, portanto, da capacidade de organizações internacionais assumirem tal papel, algo marginalmente explorado em *Security: a new framework for analysis*. Tomando-se que sua atuação em atos de fala securitizadores é possível, quem seria sua audiência?

Em resumo, o sucesso-fracasso da securitização está a cargo da audiência. Mas quem é a audiência? Sua definição não é precisa em *Security*, portanto cita-se um texto posterior: “Audiência são aqueles que têm que ser convencidos para o sucesso do movimento securitizador. Embora tenda-se a pensar em termos de ‘população’ ou ‘cidadania’ (...) ela varia de acordo com o sistema político e a natureza do assunto”, citando Waever (2003, p. 11-12). Mesmo aqui, fica vaga a questão de quem compõe a audiência e de que forma há uma sinalização da negociação ator-audiência. Conforme o próprio Waever (2003, p. 26) admite: “O termo ‘audiência’ requer uma melhor definição e, provavelmente, diferenciação.”.

Diversos autores consideram que o termo audiência pode ser enganoso ao sugerir um único grupo, como Arellano (2018) e Salter (2011, p. 117), que considera que “É muito simplista descrever um securitizador e uma audiência.”, algo também reconhecido por Waever, como visto na citação superior, onde admite-se que a categoria da audiência é variável e pode ser múltipla, sem oferecer caminhos para que se explorem tais possibilidades. Outrossim, Leonard; Launert (2011, p. 57) salientam que a sub-teorização da audiência e sua relação com o ator securitizador é

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

11

uma das maiores fraquezas da teoria da securitização, sendo importante que “A ferramenta ofereça uma clara conceitualização de quem constitui a audiência e como sua aprovação pode ser medida.”.

Neste sentido, Vuori (2008, p. 72) entende que “Audiências dependem da função a que o ato securitizador intenciona servir.”. Assim sendo, seria impraticável definir uma audiência fixa para a ferramenta da securitização. O analista pode, em seu estudo de caso, identificar as audiências relevantes. Waever (2003, p. 23) acredita que “Há na prática geralmente muitas audiências envolvidas na mesma operação.”. No caso de uma organização internacional, a principal audiência é composta por seus Estados-membros, num primeiro momento, e pelos indivíduos que os compõem, num segundo momento, visto que como a OMS não tem poder de impor as medidas de exceção, a adoção das mesmas sob seus conselhos depende, inevitavelmente, das audiências domésticas dos Estados membros.

Conforme Emmers (2007), uma securitização pode ser considerada bem sucedida quando ela mostra: a representação de um dado assunto como ameaça existencial e convence uma audiência relevante disto, recebendo desta audiência autorização para atravessar as normas ordinárias da política cotidiana, usando quaisquer meios necessários para conter a ameaça. Através de suas medidas, a OMS teve sucesso em influenciar as medidas de securitização dos Estados, conclamados por ela a tomarem “medidas urgentes e ações agressivas” diante do que foi - com sucesso - apresentado como uma ameaça existencial à segurança humana. Além disso, os dados levantados na figura 1, apresentada anteriormente, também mostram que a preocupação com a saúde e a segurança enraizou-se na população. Através disso, foi possível para os Estados, sob diretrizes da OMS, promoverem quarentenas, *lockdowns*, restrições à livre circulação como toque de recolher, além das também citadas obrigações para uso de máscaras e distanciamento social. Cada uma dessas esferas oferece formas diversas de apoio moral ou formal (ROE, 2008) que podem estar por trás da aprovação de medidas excepcionais requisitadas pelo ator securitizador.

4. Conclusão

Desta maneira, argumentamos que a Organização Mundial da Saúde foi capaz de promover medidas bem sucedidas de securitização frente à pandemia de COVID-19. Através de uma abordagem multifacetada, a OMS foi capaz de abordar uma variedade de audiências, como a iniciativa privada - ao passo em que a incluiu em suas reuniões, demandando a produção acelerada de produtos de proteção para profissionais do ramo da saúde; a comunidade científica e chefes de Estado.

Em casos bem sucedidos de securitização, estes últimos seguiram as diretrizes formuladas pela Organização Mundial da Saúde, citando a sua importância em discursos feitos a nível doméstico e internacional. Casos estes são, por exemplo, os discursos dados pelo Presidente da França, Emmanuel Macron, e pelo Presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, na 73ª Assembleia Mundial de Saúde. Macron destacou a tarefa da OMS de construir uma abordagem unificada para o combate a pandemia, dizendo que "Somente se unirmos forças, derrotaremos essa pandemia de COVID-19. Precisamos de uma Organização Mundial da Saúde forte, e a OMS somos nós: Estados membros." (Organização Mundial da Saúde, 2020). Da mesma forma, o Presidente Ramaphosa destacou a importância da OMS em prover apoio e direcionamentos para os países africanos, dizendo que "a África afirma o seu apoio total à OMS, que nos tem sido fundamental em guiar a resposta internacional em combate à pandemia. A OMS tem sido um elemento vital em prover direcionamento e apoio à África." (Organização Mundial da Saúde, 2020).

Em seus discursos e pronunciamentos diários, a OMS foi capaz de abordar o tema do surto de COVID-19 como algo ameaçador e potencialmente fatal, sendo necessário que se colocassem medidas extraordinárias para sua contenção. Além disso, a utilização do termo "pandemia", enquanto construção argumentativa e léxica, aumenta a relevância e senso de urgência para a propagação internacional de uma doença. Utilizando este termo em casos como o do surto de SARS, Gripe Suína (H1N1) e do novo coronavírus,

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

13

a OMS trouxe à sua audiência - os Estados, a nível inicial, e seus cidadãos, por conseguinte - um assunto extraordinário, que deveria ser colocado acima do reino da política comum. Argumentamos que, historicamente, a OMS foi capaz de securitizar crises sanitárias através de sua declaração como Emergências de Saúde Pública de Importância Internacional.

Observa-se também uma diferença entre as posturas adotadas pela OMS enquanto uma organização internacional, e seus órgãos regionais. O corpo internacional da OMS - representado por seu Diretor-Geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, entretanto, ao princípio da crise causada pelo Covid-19, adotou discursos mais brandos, que mudaram em tom a partir do momento em que a doença passou a se alastrar por diversos continentes. Enquanto isso, antes mesmo de um endurecimento do discurso pela OMS como um todo, suas afiliadas regionais já adotavam linguagens próprias da segurança.

Em termos da relevância deste trabalho, mais do que discutir se a OMS, enquanto organização supranacional, seria capaz de impor medidas securizantes, nos propomos a mover a discussão acerca de Teoria da Securitização e da Escola de Copenhague para algo que é apenas marginalmente exposto por seus principais expoentes - a possibilidade de transcender o academicismo estadocêntrico vigente em Relações Internacionais rumo a uma abordagem mais construtivista e abrangente - considerando o papel fundamental que organizações internacionais têm em situações de crise, e como classificá-lo teoricamente.

5. Referências

AMERASINGHE, Chittharanjan Felix. **Principles of the institutional law of international organizations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ARELLANO, Michael Daniel. Securitización como supervivencia, securitización como actos del habla: crítica a la Escuela de Copenhague. **Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad**, n. 22, p. 58-69, 2018.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

14

BALZACQ, Thierry (org.). **Understanding securitisation theory**: How security problems emerge and dissolve. - Abingdon: Routledge, 2011.

BOIN, Arjen; RHINARD, Mark. Managing transboundary crises: what role for the European Union?. **International Studies Review**, v. 10, n. 1, p. 1-26, 2008.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. WILDE, Jaap de. **Security**: a new framework for analysis - Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

DALE, William. Is the Commonwealth an international organisation?. **International & Comparative Law Quarterly**, v. 31, n. 3, p. 451-473, 1982.

EMMERS, Ralf. Securitization. **Contemporary security studies**, p. 109-125, 2007.

HANRIEDER, Tine; KREUDER-SONNEN, Christian. WHO decides on the exception? Securitization and emergency governance in global health. **Security Dialogue**, v. 45, n. 4, p. 331-348, 2014.

HANSEN, Lene. Theorizing the image for Security Studies: Visual securitization and the Muhammad Cartoon Crisis. **European Journal of International Relations**, v. 17, p. 51-74, 2011.

JAKHAR, Deepak; KAUL, Subuhi; KAUR, Ishmeet. WhatsApp messenger as a teledermatology tool during coronavirus disease (COVID- 19): from bedside to phone- side. **Clinical and Experimental Dermatology**, v. 45, p. 732-767, 2020.

LEONARD, Sarah; KAUNERT, Christian. Reconceptualizing the audience in securitization theory. In: BALZACQ, Thierry (org.). **Securitization Theory**: How security problems emerge and dissolve. Oxon: Routledge, 2011, Cap. 3, p. 57-76.

MIZUMOTO, Kenji; CHOWELL, Gerardo. Estimating Risk for Death from Coronavirus Disease, China, January–February 2020. **Emerging infectious diseases**, v. 26, n. 6, p. 1251-1256, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Readiness is the key to detect, combat spread of the new coronavirus**. Nova Deli, 27 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/southeastasia/news/detail/27-01-2020-readiness-is-the-key-to-detect-combat-spread-of-the-new-coronavirus>>. Acesso em 8 set. 2020.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 01: As Relações Internacionais em tempos de mudança: desafios para a análise do cenário internacional.

15

_____. **Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)**. Genebra, 30 jan. 2020. Disponível em: <[https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov))>. Acesso em 7 set. 2020.

_____. **WHA73 Media Resources**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/about/governance/world-health-assembly/seventy-third-world-health-assembly/media-resources-may-2020>. Acesso em: 10 dez. 2020.

_____. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**. 2020. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em 14 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **PAHO Director urges readiness to detect cases of new coronavirus in the Americas**. Washington, 27 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/en/news/27-1-2020-paho-director-urges-readiness-detect-cases-new-coronavirus-americas>>. Acesso em 8 set. 2020.

ROE, Paul. Actor, Audience(s) and Emergency Measures: Securitization and the UK's Decision To Invade Iraq. **Security Dialogue**, v. 39, n. 6, p. 615-635, 2008.

RUZICKA, Jan. Failed Securitization: Why It Matters. **Polity**, v. 51, n. 2, p. 365-377, 2019.

SALTER, Mark B. When securitization fails: The hard case of counter-terrorism programs. In: BALZACQ, Thierry (org.). **Securitization Theory: How security problems emerge and dissolve**. Oxon: Routledge, 2011, Cap. 6, p. 116-131.

VUORI, Juha A. Illocutionary logic and strands of securitization: Applying the theory of securitization to the study of non-democratic political orders. **European journal of international relations**, v. 14, n. 1, p. 65-99, 2008.

WAEVER, Ole. Securitisation: Taking stock of a research programme in Security Studies. Artigo não publicado, p. 1-36, 2003.

WILLIAMS, Michael C. The continuing evolution of securitization theory. In: BALZACQ, Thierry (org.). **Securitization Theory: How security problems emerge and dissolve**. Oxon: Routledge, 2011, Cap. 11, p. 212-222.